



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Luis Guilherme Silva Bastos

O fio de prata que liga o mundo: análise dos argumentos sobre as origens históricas
da globalização

Recife

2023

1

Luis Guilherme Silva Bastos

O fio de prata que liga o mundo: análise dos argumentos sobre as origens históricas da globalização

Artigo apresentado como requisito básico para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador (a): Prof. Dr. Gustavo Acioli Lopes

Recife

2023

O fio de prata que liga o mundo: análise dos argumentos sobre as origens históricas da globalização

RESUMO

Este artigo propõe evidenciar a discussão a respeito da formação do fenômeno de globalização a partir de dois vieses opostos, sendo eles a origem da globalização durante o século XVI, defendido por Dennis O. Flynn e Arturo Giráldez e o argumento de que a Globalização teve início apenas no século XIX, defendido por Kevin O'Rourke e Jeffrey Williamson. Segue-se, como fio condutor, a prata hispano-americana e seu papel nos mercados asiáticos e globais, debatendo não só o significado do termo globalização, mas também as etapas formadoras deste processo. Tenta-se inferir o período de surgimento e qual a importância do fluxo de prata pelos mercados mundiais para a construção deste fenômeno durante a Modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Globalização; Prata; Economia Mundial.

ABSTRACT

This article proposes to highlight the discussion about the formation of the phenomenon of globalization from two opposing perspectives, which are the origin of globalization during the sixteenth century, defended by Dennis O. Flynn and Arturo Giráldez, and the argument that globalization began only in the 19th century, advocated by Kevin O'Rourke and Jeffrey Williamson. Taking Hispano-American silver and its role in Asian and global markets as a guiding principle, the article debates not only the meaning of the term globalization, but also the formative stages of this process. We try to infer the period of emergence and the importance of the flow of silver through world markets for the construction of this phenomenon during Modernity.

KEYWORDS: Globalization; Silver; World Economy.

1. INTRODUÇÃO

A globalização é um fenômeno muito debatido, que apresenta múltiplas interpretações. Comumente, considera-se que a integração do espaço mundial e a dependência entre diferentes economias e sociedades tenha se iniciado por volta do século XIX, como nos trabalhos de Eric Hobsbawm, Immanuel Wallerstein e Kenneth Pomeranz, cujo livro “A grande divergência” é usado na criação deste artigo. Para Conrad:

Studies of globalization, understood as the process of growing interconnectedness, are concerned with the increase of links and complexity, and with the emergence of the world as a single system (2016, p. 92).

Mas, abordaremos um argumento distinto a respeito do início deste fenômeno. Seria ele formado durante o século XIX ou no século XVI como alguns historiadores sugerem?

A principal argumentação a favor desta segunda linha de pensamento é feita pelos historiadores Dennis O. Flynn e Arturo Giráldez (1995, p. 201-221). Segundo eles, o fenômeno teria seu início a partir da exploração da prata espanhola nas Américas e o comércio intercontinental que esse produto gerou englobava civilizações das Américas, Europa, África e Ásia, concluindo sua viagem na China que era, segundo os autores, o principal mercado da prata mundial durante a modernidade (FLYNN E GIRÁLDEZ, P. 362). Mas ao mesmo tempo o efeito se expandiu da economia para diversos campos, como demografia, cultura, alimentação e ecologia.

Em oposição a Flynn e Giráldez, há Kevin O'Rourke e Jeffrey Williamson (2004, p. 113), que reafirmam que o que definiria a globalização é a integração dos mercados mundiais, fenômeno que segundo eles não ocorre durante o século XVI. Segundo os mesmos, a China não faria parte de um processo de globalização durante esta época pois os Estados asiáticos eram autarquias, impossibilitando então uma interação constante entre todos os continentes (O'ROURKE E WILLIAMSON, 2006, p.80).

Pretendemos então analisar e discutir ambas as argumentações acerca do processo de globalização e o funcionamento das economias e trocas de produtos durante o período moderno.

2. O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA

O fenômeno da globalização é de extrema importância para o entendimento das relações culturais e socioeconômicas estabelecidas nos dias de hoje, mas, mesmo com essa grande importância, ainda há incertezas a respeito do que é o fenômeno em si e em como se formou. Neste artigo, apresentamos a discussão sobre a formação da globalização, que teria origem durante o século XVI e não durante o século XIX, como normalmente é apresentado. Expondo as principais argumentações a favor e contra esta teoria, que pode alterar nossa percepção sobre a Modernidade e as relações entre diversos povos pelo globo.

Esta nova linha argumentativa contrasta com a visão que se baseia na oposição entre autarquias orientais e uma economia aquecida europeia, que entende os europeus como os principais e indispensáveis agentes econômicos modernos. Desta forma, também os espanhóis foram a principal economia mundial durante o século XVI, graças às minas de metais na América. Por conta disso, discutiremos então a visão de protagonismo Europeu e sua importância, apresentando outras linhas de pensamento, assim tornando plural o que antes era único.

O artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica a respeito da discussão sobre o processo de globalização no século XVI, sendo os principais argumentos a serem abordados os dos autores Dennis O. Flynn e Arturo Giráldez (2008, p. 359), que são favoráveis à globalização desde o início da Modernidade. Para isto, alegam que a prata é o catalisador do comércio mundial, pois é descoberta em grande quantidade nas colônias espanholas e era muito visada pela China na época. Já Kevin O'Rourke e Jeffrey Williamson (2004, p. 117) contra-argumentam que o fenômeno da globalização ocorreria apenas durante o século XIX.

Para entender melhor as linhas argumentativas expostas, “hard globalization” e “soft globalization”, defendidas respectivamente por O'Rourke e Williamson e por Giráldez e Flynn, é pertinente utilizarmos o trabalho de Jan de Vries (2010, p. 710–733).

Jonathan D. Spence (2011, p. 37) contribui neste contexto com uma análise profunda da história chinesa moderna e os acontecimentos que levaram ao processo de grande importação de prata no mercado chinês. Importante também foram os conflitos com o ocidente e o mercado do ópio (SPENCE, 2011, p. 196), que para

muitos foi a primeira abertura em grande escala do mercado chinês a potências estrangeiras.

Com Souza (2005, p.20) vemos a importância do comércio marítimo entre a China e a Europa a partir da relação entre diversas províncias com a VOC. Além disso, vemos o quanto de moeda se movia nessas trocas comerciais, como metais do ocidente, por bens de luxo orientais.

Kenneth Pomeranz (2013, p.15) nos auxilia a entender quais foram as diferenças e semelhanças entre a Europa e a Ásia durante a modernidade e quais são as teorias envolvidas no crescimento econômico inglês em sua alçada ao capitalismo e porque o mesmo não ocorreu em outras localidades na época, como a China.

Por sua vez, com os trabalhos de José Manuel Perez (2002), Sandra Kuntz Ficker (2014) e Conrad (2016) tentamos distinguir as diferentes linhas “irmãs” de estudos históricos: a história mundial, a história global, a história eclesiástica e a história transnacional, o que nos permite entender as raízes das diferenças de teses sobre a globalização de Giráldez e Flynn e O'Rourke e Williamson a partir das diferentes linhas de estudos adotadas pelos mesmos.

E, por fim, o artigo se vale das contribuições de Schwartz (2008, p. 201-223) e Marichal (2017, p. 37-57), ao explicarem a importância e o impacto que a descoberta das grandes jazidas de prata trouxeram para o mundo.

ASPECTOS DA GLOBALIZAÇÃO, PRATA E AUTARQUIAS ORIENTAIS: PRINCIPAIS CONCEITOS

Século XVI, mais especificamente 1545: a descoberta de jazidas de prata no Cerro de Potosí e sua posterior exploração em larga escala transforma o império espanhol e o mundo. A exploração de prata americana pelos espanhóis tornou-se o comércio mais lucrativo do mundo. Segundo Schwartz (2008, p.201-223), a circulação de prata foi um dos elos entre a Europa e as Américas. Observa-se que durante o Século XVII as Américas supriam cerca de 85% de toda a prata mundial.

Entendemos que os metais preciosos traziam grande interesse aos espanhóis, pois havia facilidade para sua exploração, tinham grande durabilidade, eram valorizados na maior parte das sociedades e existia uma mão de obra abundante tanto de escravizados como de trabalhadores livres ou, até mesmo, sob o regime da mita

(MARICHAL, 2017). Por conta disso, a prata torna-se o principal foco da argumentação de Giraldez e Flynn em seus artigos a respeito da Globalização.

Primeiramente, porém, devemos entender o que é o processo de Globalização para os diferentes autores envolvidos. Para os autores mencionados acima, este fenômeno é definido como “A globalização ocorreu quando todos os continentes povoados começaram uma interação sustentada de uma maneira que os ligou profundamente através do comércio global.” (FLYNN e GIRÁLDEZ, 2002, p. 363). Ou seja, precisa-se que o volume de trocas entre os continentes mundiais seja grande o suficiente, que traga consequências permanentes às sociedades envolvidas.

Para eles, durante o final do século XVI, o mundo passou por uma série de interações que, juntas, podem ser chamadas de processos globalizadores: a crescente interação entre os povos europeus e americanos, que é causadora de um extermínio de grande parte da população nativa por falta de resistência às doenças europeias, a exportação de escravizados africanos e seu uso como mão de obra forçada, mas também a troca de fauna e flora entre os continentes como a batata (nativa das Américas), passa a fazer parte da alimentação da Europa ou os porcos (nativos do oriente), sendo introduzidos entre os povos africanos. Para Flynn e Giraldez a prata foi a força motora de todas essas relações mundiais crescentes, sejam elas econômicas, demográficas ou ecológicas (FLYNN e GIRÁLDEZ, 2002, p. 364).

Já O'Rourke e Williamson analisam principalmente a dimensão econômica da globalização em suas obras, usando o termo para indicar unicamente a integração dos mercados mundiais, diferente da abordagem ampla de suas contrapartes (2002, p. 24-25). Segundo os mesmos, do século XV até o século XVIII os produtos comercializados em escala mundial, como especiarias e seda, têm um público muito restrito e a ausência deste comércio afetaria apenas a parcela mais rica da sociedade, além de que variações nos preços dos produtos não afetavam outros mercados significativamente (O'ROURKE e WILLIAMSON, 2002, p. 28-35). Para eles a globalização só iniciaria realmente durante o século XIX, quando os produtos exportados passam a ter origem alimentícia e têxtil destinada a sociedade como um todo, cujo volume de troca cresceu tanto que se nota um fenômeno de convergência nos preços das commodities, indício da globalização. Outro fator importante foi a revolução nos meios de transporte que ocorreu na época, permitindo um maior

transporte de produtos por um custo menor e em menos tempo (O'ROURKE e WILLIAMSON, 2002, p. 35-39).

Ao analisar as margens de lucro de companhias de comércio das Índias orientais pertencentes a Inglaterra, França e Holanda a partir da segunda metade do século XVII até a primeira metade do século XIX, Jan de Vries demonstra que a média de lucro tende a cair durante este tempo para todas as companhias envolvidas já que ao priorizarem os mercados mais lucrativos para cada produto acabavam por entrarem em atrito entre si em uma guerra constante de preços em busca da maior parcela de cada mercado, não na Europa, onde cada companhia detinha o controle de seu mercado, mas dos próprios mercados asiáticos (VRIES 2010, p. 722-724). Mesmo porque cada empresa detinha seu próprio monopólio de mercado na Europa, o que, até certo ponto, impediu que os preços diminuíssem, atrasando a democratização de suas vendas e a convergência dos preços. A longo prazo os produtos pertencentes a esse comércio internacional acabam por alcançar uma parcela maior da população, mesmo que apenas durante o século XVIII (VRIES 2010, p. 725).

Outro ponto de grande importância que divide opiniões é o papel da China no mercado mundial durante o século XVI. Flynn e Giráldez apontam a China como a maior economia mundial, cuja demanda por prata só pôde ser suprida ao agregar o equivalente a 80% da prata mundial sendo trocada principalmente por ouro. Durante a dinastia Ming a prata mundial fluía em direção a China, principalmente do México e do Japão, em tamanha quantidade que o preço da prata chega a cair, afetando todas as commodities (FLYNN e GIRÁLDEZ, 1995, p. 202-203).

A questão principal é que normalmente se enxerga a prata, tais quais outras substâncias metálicas como cobre e ouro, como um agregado compreendido como "moedas", as separando das outras *commodities*. Mas a China, especificamente, abre o seu mercado ao comércio externo para suprir seu déficit em prata; por conta disto, o ouro tem, ao ser trocado por prata, um valor menor que no resto do mundo. Os produtos comercializados para o ocidente, no geral, serviam para suprir a economia Chinesa que precisava constantemente de remessas do metal prata (FLYNN e GIRÁLDEZ, 2008, p. 372-373).

Segundo Flynn e Giráldez essa "corrente de prata" que seguia até o território chinês existia pois o valor atribuído à prata na China era duas vezes maior que no

resto do mundo. Apesar da China utilizar de papel moeda desde o século XI, crises que iniciaram na metade do século XV levaram a uma instabilidade de mercado e perda de confiança no sistema monetário, o que por sua vez levou ao aumento do uso de prata como moeda apesar das tentativas imperiais de barrar essa prática. Eventualmente o Governo Imperial adota o uso de moedas baseadas em prata com uma reforma tributária, uma adoção ao uso de prata por uma quantidade tão grande de pessoas fez o valor do metal subir em comparação com outros mercados mundiais, criando então esse “dreno” (FLYNN e GIRÁLDEZ, 2002, p.370-371).

Para Spence, a desestabilização da Dinastia Ming é resultado de uma série de fatores. Os altos impostos, falta de segurança no campo e alto índice de desemprego serviram de combustível para diversas revoltas por todo território chinês, a corrupção inerente aos altos oficiais governamentais atravancara a resolução desses diversos conflitos e cegaram aqueles que estavam no poder às súplicas e gritos das classes mais baixas do império (SPENCE, 2011, p 50-56).

Ressaltamos que a guinada chinesa para o uso de moedas metálicas, apesar de ser importante para o crescimento econômico espanhol, foi um fenômeno interno que não se relaciona em primeiro momento com as forças estrangeiras e inicia-se durante o século XV, antes da exploração de prata nas américas (POMERANZ, 2013, p. 17-18). Segundo Pomeranz (2013, p. 18) não podemos entender, antes do século XIX, um sistema de caráter mundial que gire em torno da Europa e sim um mundo com vários centros.

Segundo Conrad a história global se divide em três grandes caminhos (2016, p.6). O primeiro deles é a história de tudo, que se propõe a entender e organizar toda a história que ocorre mundialmente. O segundo deles, chamado de história das conexões, concentra seus esforços em trocas e conexões, se apoiando no entendimento que não há cultura que seja realmente isolada ou protecionista o suficiente a ponto de não se envolver com nenhuma outra. Por fim temos a História da integração, que por sua vez trabalha com diferentes culturas no mesmo espaço de tempo e relaciona-as ao observar as diferentes mudanças geradas pelas mesmas tanto em um contexto interno como em um externo, ligando em tão essas diferentes narrativas (CONRAD, 2016, P. 6-10).

A partir de Perez entendemos que Flynn e Giráldez seguem a linha de pensamento da história global, cujo foco são os encontros transculturais (PEREZ,

2002, p 15), fazem isso não apenas ao relacionar o impacto que as grandes navegações e o comércio de prata causaram em diferentes culturas, mas como formaram do fenômeno da globalização, não só no contexto econômico, apesar deste ter o foco principal, mas em um amplo espectro multidisciplinar. Sandra Kuntz Flicker reforça isso ao apontar que a história global normalmente trabalha com temas sem uma delimitação geográfica específica, mas que afetam toda a humanidade (FLICKER, 2014, p 5). Já Williamson e O'Rourke se aproximam mais em seus trabalhos ao que seria uma história econômica mundial. Utilizam unicamente de processos econômicos para formar seus argumentos a respeito do comércio mundial moderno e por seus trabalhos lembrarem compilados de informações econômicas a níveis mundiais, mesmo com o foco nos processos europeus, dentro de um determinado período, o que também é apontado por Flicker como um indício de história mundial (FLICKER, 2014, p 4).

Conrad explica essa diferença de metodologia entre os autores trabalhados neste artigo da seguinte maneira:

Environmental and economic historians are as interested in the global historical context as are social and cultural historians. Indeed, all aspects of historical scholarship can be subject to a global perspective (CONRAD, 2016, p. 14).

Williamson e O'Rourke utilizam principalmente a ideia de Autarquias orientais, ou seja, Estados com políticas econômicas de caráter autossuficiente que sobrevivem sem exercer atividades, como o comércio, com poderes externos. Para eles a economia mundial é marcada pela evolução das autarquias em direção a políticas de livre comércio durante o século XIX e o pivô deste movimento foram os Estados Europeus e suas economias aquecidas:

The price behaviour at home [read: Europe] of importable and exportable goods, relative to non-tradable goods, will help tell us which of five sources are doing most of the historical work – world market integration, demand boom at home, supply boom at home, demand boom abroad or supply boom abroad. (O'ROURKE e WILLIAMSON 2004, p. 110 apud FLYNN e GIRÁLDEZ 2008, p. 362).

Então, para O'rourke e Williamson o comportamento dos preços das commodities na Europa indicaria qual seria o fenômeno que estaria guiando os mercados, já que o comércio intercontinental era caro e dificultoso em razão das barreiras comerciais dos Estados asiáticos e pelo custo do transporte de bens, observamos a seguir:

'It follows that Euro-Asian and Euro-American trade must have boomed after 1492 in spite of barriers to trade and antiglobal mercantilist sentiment. There would have been a bigger trade boom without them" (O'ROURKE e WILLIAMSON 2004, p. 111 apud FLYNN e GIRÁLDEZ 2008, p. 362).

Para os mesmos o crescimento do comércio entre a Europa e a Ásia não passa de um aumento comercial intercontinental, que não gerou redução nos custos de transporte ou enfraqueceu as barreiras comerciais da época e principalmente não haveria evidências de uma convergência dos mercados mundiais já que os produtos a serem trocados seriam apenas produtos de luxo consumidos pela elite de suas respectivas culturas e não pela população em geral (VRIES 2010, p. 714-715).

Kenneth Pomeranz (2013, p. 22-23) expressa em sua obra que comparações país a país que envolvam estados europeus com países de tamanho e população muito superior, como China e Índia, são propensas a erros, já que essas duas sociedades seriam melhores equiparadas com toda a Europa ou ter suas sub-regiões comparadas com países europeus para se ter uma maior aproximação de tamanho, economia e população. Além disso procurar na Europa características únicas que a elevam acima do resto do mundo, junto com bloqueios em outras zonas mundiais sem utilizar vias de discussões recíprocas acabam por reproduzir um pensamento eurocêntrico que está profundamente fundamentado em nossa sociedade.

Segundo Vries, a Rota do Cabo da Boa Esperança não foi em nenhum momento suficiente para sanar a necessidade de prata do mercado Chinês, já que o crescimento da população chinesa era maior que o crescimento no embarque de produtos, isso permitiu que o preço da prata se mantivesse alto por longos períodos, tornando o mercado chinês atrativo para a troca de prata por ouro. O rápido crescimento da população, o tamanho demográfico e a alta demanda de prata transformaram a China no mercado dos sonhos para os comerciantes europeus, o que amargava suas bocas era o alto custo de transporte, que acabou por diminuir as taxas de lucros das companhias europeias. (VRIES, 2010, p. 730-731).

Ou seja, para Vries não houve convergência de preços dos mercados, mas foi uma era de início do processo de globalização, que só vai se concluir com a transformação das companhias mercantis em governantes coloniais, ou substituição das mesmas por seus respectivos estados nacionais, fortalecendo o controle político

e protegendo as condições favoráveis de negociação para os europeus (VRIES, 2010, p. 731).

Ao utilizar a taxa de salários reais ajustadas pela paridade do poder de compra para definir quando ocorreu a integração dos mercados mundiais, Williamson e O'Rourke, definem as chamadas fontes de convergência econômicas, que segundo os mesmos ocorreram apenas durante o século XIX (O'ROURKE e WILLIAMSON, 2006, p. 24-25). A industrialização europeia, a fonte de recursos naturais que eram as américas, junto com as quedas de valores de transporte de produtos apontam para um ponto de convergência econômica nas economias atlânticas durante a segunda metade do século XIX (O'ROURKE e WILLIAMSON, 2006, p. 31-42), não só a partir dos países europeus atrasados com respeito à industrialização, mas das economias americanas como os Estados Unidos e a Argentina.

Vries, ao analisar a rota comercial Europeia-Asiática de Capes entre os anos de 1501 à 1795 infere que a mesma se encontra em constante crescimento por todo esse período com a média de 1.1% ao ano. Inicialmente há um rápido crescimento, onde os portugueses iam a Ásia com os navios cheios de prata para trocar por especiarias, mas mesmo ao se estabilizar e iniciar a concorrência entre Portugal, Holanda e Inglaterra sofrendo de flutuações no mercado e por ciclos de alta e baixa ao longo destes quase 300 anos a rota nunca deixou de crescer. Ao mesmo tempo o comércio entre Américas-Europa era bem maior durante o período, o açúcar, principal produto, sozinho movimentava cerca de 4 vezes o volume de todos os produtos asiáticos juntos, unindo isso com o volume crescente de comércio de escravos entre a África e as Américas, podemos observar que a rota comercial do Atlântico movimentava cerca de duas vezes mais produtos que a rota de Capes (VRIES 2010, p. 716-719).

A visão de Flynn e Giraldez desafia diretamente as ideias de Autarquias asiáticas e protagonismo Europeu defendidas por O'Rourke e Williamson. A China detém o papel central na economia mundial e as potências europeias assumem o lugar de intermediários na troca de produtos entre as américas, a África e a Ásia por meio de suas companhias das índias, como por exemplo os portugueses e posteriormente os holandeses em seus negócios com o Japão (FLYNN e GIRALDEZ, 1995, p. 203- 206). Corroborando com essa visão, Pomeranz (2013, p. 58) afirma que no final do século XVIII o mercado Chinês era mais complexo e mais propenso ao

processo de crescimento econômico, se opondo assim também ao ideário de protagonismo Europeu.

Podemos entender então que os principais pontos de atrito entre essas duas abordagens são justamente a definição de globalização e os eventos que devem-se levar em conta a respeito da mesma, quanto ao papel da Europa, das colônias americanas e dos Estados asiáticos no processo globalizador.

4. UMA ANÁLISE SINTÉTICA DOS ARGUMENTOS ABORDADOS.

Com este artigo trouxemos à tona e debatemos a argumentação a respeito das origens da globalização e o seu impacto anterior à contemporaneidade. Já que é um fenômeno de importância mundial.

Além disso por ser um fenômeno associado com as revoluções tecnológicas no transporte de pessoas, produtos e informações e das intersecções nos Mercados mundiais comumente vistas a partir do século XVIII, a teoria dele já existir desde o século XVI é tanto estranha quanto intrigante, podendo mudar a percepção de como a globalização formou-se, o que afetou e como houve o choque e interação de diferentes culturas durante as grandes navegações.

Junto disso entendemos o escopo e a importância das trocas entre diferentes culturas ao redor do globo durante a modernidade, já que durante as grandes navegações a interação entre povos aumenta progressivamente até alcançarmos o mundo interconectado que temos hoje.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A postura de O'Rourke e Williamson a respeito da globalização apoia-se exclusivamente no ponto de vista econômico do processo, o que é compreensível, dado o fato do campo de estudos de ambos e porque a Economia foi a primeira disciplina a analisar o fenômeno. Dito isto, Flynn e Giráldez trazem uma nova perspectiva sem receio de utilizar outras áreas além da econômica, com argumentos que utilizam tanto movimentos de migração humana, como a troca de diferentes elementos biológicos/naturais entre as várias sociedades.

Além disso, Flynn e Giráldez trabalham com a importância econômica de sociedades que antes eram ofuscadas ou simplesmente esquecidas nas teorias econômicas, contrastando com o argumento de Williamson e O'Rourke, que utilizam o ideário eurocêntrico de protagonismo europeu de livre mercado frente às Autarquias Asiáticas e do papel de provedor de matéria prima que eram as Américas.

Nota-se que apesar de ser indiscutivelmente importante a integração dos mercados para o processo globalizador e que Vries, em seu trabalho, deixa claro que a integração dos mercados não ocorre durante o século XVI, deve-se notar que hoje diversos campos históricos trabalham com o fenômeno histórico da Globalização, como história social, história da alimentação, história econômica, relações de poder, etc. Ao ignorar-se esses campos, indubitavelmente trará um resultado parcial frente a um processo tão grande e plural quanto este.

Sendo assim, caso seja seguido o ideário de *hard globalization*, não haveria este fenômeno durante o século XVI. Contudo, tendo a me aliar ao conceito de soft globalization. A partir desta perspectiva, a interdisciplinaridade desde viés o deixa mais robusto e completo, pois trabalha teses não eurocentristas. Desta forma, visualizamos a importância dos mercados asiáticos, como o chinês, o japonês e o indiano. Na argumentação de Flynn e Giráldez, apoiados principalmente pelos trabalhos de Spencer a respeito da economia chinesa durante a modernidade, há o apontamento para a necessidade de abertura ao mercado externo em busca de suprir as novas demandas por prata, que a troca do papel-moeda para as moedas metálicas gerou. Ora, se a China necessitava de trocas externas para suprir uma demanda interna gerada pelas suas próprias mudanças na política econômica, em resposta à crise pela qual passava, o protagonismo europeu nada tinha haver. Além disso, não se pode considerar tal país como um caso anômalo, pois ele representava a maior parte do mercado asiático. Além disso, cerca de 20% da prata que chegava na China vinha de jazidas japonesas, então, mostra que o Japão também não era averso a trocas externas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONRAD, S. *What Is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

FLICKER, Sandra K. “Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2014. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/nuevomundo/66524>>.

FLYNN, Dennis O.; Giráldez, Arturo. “Born again: globalization's sixteenth century origins (Asian/Global versus European dynamics)”. *Pacific Economic Review*. Stockton, United States: University of the Pacific, cap 13, p. 359-387. 2008.

FLYNN, Dennis O.; Giráldez, Arturo. “Born with a "Silver Spoon": The Origin of World Trade in 1571”. *Journal of World History*, Honolulu: University of Hawai'i Press, v. 6, no. 2, p. 201-221. 1995.

FLYNN, Dennis O.; Giráldez, Arturo. “Cycles of Silver, Globalization as historical process”. *Pacific Economic Review*. Stockton, United States: University of the Pacific, v. 3, no. 2, p. 359-387. 2002.

HARLEY, C. K. “A Review of O'Rourke and Williamson's 'Globalization and History: The Evolution of a Nineteenth Century Atlantic Economy'”. *Journal of Economic Literature*, Ontario, v. 38, no. 4, pp. 926–935. 2000.

MARICHAL, Carlo. El peso de plata hispanoamericano como moneda universal del antiguo régimen (siglos XVI a XVIII). In : MARICHAL, C. TOPIK, S. FRANK, Z. *De la plata a la cocaína*. México: El Colegio del Mexico, 2017.

O'ROURKE, K. H.; WILLIAMSON, J. G. **Globalization and History: the evolution of a nineteenth-century Atlantic economy**. Cambridge, Massachusetts: Cambridge UP, 1999.

O'ROURKE, K. H.; WILLIAMSON, Jeffrey G. "When Did Globalization Begin?". *European Review of Economic History*, v. 6, no. 1, p. 23-50, 2002.

PEREZ, J. M. "Historia global, historia mundial. Algunos aspectos de la formación histórica de un mundo globalizado". *Revista Estudios*, no. 16, p. 13-24, 2002.

POMERANZ, Kenneth. **A grande divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna**. Lisboa: Edições 70, 2013.

SOUZA, G. B. "Convergence before Divergence: Global Maritime Economic History and Material Culture". *International Journal of Maritime History XVII*, v. 1, 2005.

SPENCE, Jonathan D. **En Busca De La China Moderna**, 1. ed., Cidade del México, Editorial Planeta, 2011.

SCHWARTZ, Stuart B. "Prata, açúcar e escravos: de como o império restaurou Portugal", *Tempo*, 12 (2008): 201-223.

VRIES, Jan. **The Limits of Globalization in the Early Modern World**, *The Economic History Review*, vol. 63, no. 3, p. 710–733, 2010.